

Índice

Introdução: Ortov — Vida e Território	9
<i>1. Encontros com Ortov</i>	
A Entrevista	13
O Homem Engessado	19
O Mal de Ortov	29
O Regresso de Ortov	44
O Boneco	59
A Casa Amarela	90
Quatro Cegos	92
<i>2. Ortov Sai do Escuro</i>	
A Dor	109
O Lavador de Corpos	115
O Corrupto e o Outro	123
Vamos a Isso	132
Sai daí, ó Macaco!	136
<i>3. Do Outro Lado, o Muro</i>	
Presente e Futuro	141
Serafim Vai ao Médico	155
O Meu Primo Efêmero	160
Não É Má Pessoa, mas...	166
O Balde	170

4. Os Livros Que Ortov Anda a Escrever

A Fábrica	177
Acontece-Me sempre Isto em Setembro	188
O Encantador de Formigas	191
A Culpa não Foi Minha	196
Curta Nota do Autor	205
Nota Bibliográfica	207

INTRODUÇÃO

Ortov — Vida e Território

Quem é Ortov? Uma personagem, um espantalho, um corpo que anda e gesticula, uma ideia, um texto, um homem, uma mulher, um ser errante, um boneco, um actor, uma poltrona, um espelho, um poeta, um animal, um gravador, um saco de plástico, ou é tudo isso ao mesmo tempo? Ou será a nossa própria vida, a de nós todos, o presente inquietante, o futuro incerto, o bem e o mal?

Quem é esta figura de Ortov — não lhe chamaria personagem, mas uma figura híbrida, sem uma espessura dramática definitiva —, que atravessa todo o espectáculo, esta presença insinuante que se questiona e nos questiona sobre o mundo e o mal-estar colectivo em que vivemos? A humanidade tem futuro? Será engolida pelo mal? Que palavras, que linguagem necessitamos de inventar para vencer o medo, a hipocrisia ou a corrupção? Que poderes regem o mundo e nos querem apagar o pensamento?

Ortov procura o seu próprio espaço como se entrasse num território distorcido, chamemos-lhe *o território ortoviano*. Vem à procura de um eco de si próprio, do seu lugar no mundo contemporâneo, carrega um passado tumultuoso e uma memória desregrada onde se escondem os seus próprios duplos ou *alter egos*, transporta-os consigo e dialoga com eles para tentar compreender o que está à sua volta, os outros e a si mesmo.

Cria, por isso, através do texto que diz, um discurso possível, uma visão singular das coisas que o rodeiam. Um texto que sai de jacto

da sua boca, da sua cabeça, do seu pensamento agitado, *o texto ortoviano*: um texto entre o real e o fantástico surrealizante, por vezes abjecto, onde cabem monólogos, diálogos, poemas, discussões, música, bem como visões de objectos insólitos, imagens invulgares, numa zona de sonho e mesmo de pesadelo.

Ortov é um ser em construção, um homem do século XXI em confronto emocional e ideológico com as guerras, as matanças, o caos, as fronteiras, as fugas, os incêndios, a maldade. E, enquanto fala de si mesmo, fala de todos, os amigos, a família, os países, as terras, as comidas, os pássaros, os peixes, o mar, as florestas, fala do seu quotidiano simples, das doenças, das incompreensões, dos desejos e da morte. Como se todos fôssemos Ortov.

Jaime Rocha

1. Encontros com Orto

A Entrevista

Ortov como Personagem em Versão Dramática

PERSONAGEM

ENTREVISTADOR

A entrevista decorre numa garagem, cheia de ferramentas, livros e garrafas de vidro. Das janelas entram raios de sol difusos. Está escuro. Ortov, a personagem, acende uma lâmpada fosca que balança de vez em quando devido à corrente de ar. A porta abre-se e fecha-se de tempos a tempos e entra uma poeira que faz tossir o entrevistador.

PERSONAGEM — Aqui estou, regressado do estrangeiro.

ENTREVISTADOR — Vamo-nos sentar.

PERSONAGEM — Prefiro ficar daquele lado, contra a luz, de costas para as grades.

ENTREVISTADOR — Mas não vejo grades nenhuma.

PERSONAGEM — Regressado do estrangeiro, como um emigrante cheio de malas.

ENTREVISTADOR — Deve estar cansado.

PERSONAGEM — Podia ir-me já embora, mas não. Vim pela avenida abaixo como um cão à procura de uma casota.

ENTREVISTADOR — Não percebo.

PERSONAGEM — O meu psiquiatra insiste que eu acho que vivo como um cão. Não imagina o trabalho que me dá convencê-lo de que não, que não vivo como um cão, eu sou um cão e estou doente.

ENTREVISTADOR — Não é fácil convencer um psiquiatra de que somos realmente aquilo que ele pensa que não somos.

PERSONAGEM — Era disso que lhe queria falar.

ENTREVISTADOR — A minha ideia não era bem essa. Eu marquei esta entrevista para falarmos de arte. Da sua concepção de arte e de como a crise mundial pode incidir sobre o seu trabalho.

PERSONAGEM — Ele pensa que me pode tratar e tornar-me uma pessoa. Como? Se eu matei um gajo à machadada porque ele era albino.

ENTREVISTADOR — Matou uma pessoa...

PERSONAGEM — Foi em França. Não leu nos jornais? Num dia de chuva fortíssima que tapou a Europa de negro. Parecia coberta com umas asas de corvo. Tapava os edifícios de vidro e os telhados das igrejas. Já ninguém conseguia ver as ruas, nem os mercados.

ENTREVISTADOR — Não, por acaso não li, mas a minha ideia...

PERSONAGEM — Eu disse-o e repeti à polícia quando fui interrogado. Eles olharam para mim de uma maneira pouco habitual, com uns olhos toldados, como se fossem sonâmbulos, e eu não posso com sonâmbulos. Sabe, pode escrever isso, o meu irmão era sonâmbulo, disseram-me, mas não me lembro, eu era mais novo e dormia toda a noite. Do que me lembro é de alguém a gritar: vai-te deitar, não é nada, vai-te deitar. Acho que era a minha mãe, mas ela já morreu.

ENTREVISTADOR — Mas o senhor é um artista, um poeta, um contador de histórias, foi isso que me disseram na redacção: olha, vai entrevistar o senhor Ortov e pergunta-lhe qual é a situação da poesia nos países do centro da Europa. Se se edita muito, quantos exemplares, se as pessoas vão às livrarias, se fazem leituras de poemas, os festivais, os prémios, as críticas. Coisas desse género. É isso que me interessa, a sua vertente de criador, de impulsionador de mitos...

PERSONAGEM — A polícia abanou-me, gritou-me aos ouvidos e disse-me: tens sorte, cabrão, sem o corpo nada feito. Um francês não mata albinos, disseram os gajos. Mas eu sou português, disse eu. Onde está o corpo, onde está o corpo? E eu nada.

ENTREVISTADOR — E eles?

PERSONAGEM — Bateram-me. E eu disse: na água. Os rios vão dar ao mar e os mares andam juntos uns com os outros. Ninguém sabe para onde os corpos deslizam. Se for na direcção do Mar do Norte, do Canal da Mancha, pode muito bem vir ter a Lisboa ou a Matosinhos. Ser for na direcção do mar Mediterrâneo, pode atravessar Gibraltar e vir encalhar no Algarve. Então, calaram-se.

ENTREVISTADOR — Tudo isso que diz é possível, senhor Ortov. Gostava agora de lhe fazer umas perguntas.

PERSONAGEM — Nós estamos aqui para lidar com corpos, com objectos e não com suposições, disseram logo os gajos. Fumavam, estavam nervosos como as raposas.

ENTREVISTADOR — A propósito de objectos...

PERSONAGEM — Foi o que me disse o meu psiquiatra: só os objectos existem, tudo o resto é fantasia.

ENTREVISTADOR — Está a ver, até o seu psiquiatra o diz.

PERSONAGEM — E se bebêssemos água?

ENTREVISTADOR — Nunca há água nestes sítios. Já não é a primeira vez que isto acontece. Sempre que combino entrevistas, peço para colocarem dois copos de água em cima de uma mesa, e nada. O mesmo se passa quando vou à consulta ao Centro de Saúde. O meu médico diz: enquanto estiver a falar não beba água para não se distrair, para não deixar que o pensamento se extravie enquanto engole.

PERSONAGEM — O meu psiquiatra não, insiste para que eu beba, para que nunca sinta a boca seca, para que as palavras não fujam pelos lábios abaixo e desapareçam no pescoço.

ENTREVISTADOR — Já me aconteceu uma vez. Estava a entrevistar um poeta a propósito da sua obra completa e, de repente, vi que as palavras se lhe amontoavam nos cantos da boca, umas tentando soltar-se, outras procurando voltar para dentro, enquanto a língua se mexia convulsivamente. Parecia um lagarto, um lagarto grande. E, a seguir, qualquer coisa se mexeu nas costas da cadeira, uma coisa presa ao corpo que abanava e fazia um barulho estranho como se raspasse nas paredes.

PERSONAGEM — Nunca matou ninguém?

ENTREVISTADOR — Não, por acaso não matei. Nunca calhou.

PERSONAGEM — Nem na guerra?

ENTREVISTADOR — Não fui à guerra, sou contra as guerras.

PERSONAGEM — Não sabe o que é bom. É só disparar, disparar para a frente e vê-los a cair. Não se conhece ninguém. O meu psiquiatra diz que eu invento, que fantasio com aquilo, que é desejo. O que sabe ele sobre a minha vida?

ENTREVISTADOR — Nada. É como o meu médico. Umás vezes diz que esta minha asma é da ansiedade, outras que é dos pólenes e outras vezes diz que é da maresia, que eu dou-me mal com o ar do mar. E depois, pergunta: em África, como era? Ora eu nunca estive em África. Ele é que esteve em Angola, na guerra, e agora acha que todos os homens que são seus doentes estiveram nas colónias a matar, a matar, a arrasar tudo.

PERSONAGEM — É como o meu, não acredita que eu estive em França. Assegura que se eu matei alguém só pode ter sido na Guiné. Porquê na Guiné? Ora, porque foi onde ele esteve, claro.

ENTREVISTADOR — Sabe, vou-lhe confessar uma coisa. Eu sou poeta, eu escrevo.

PERSONAGEM — Não acredito. Então porque não disse logo? Podíamos ter começado por aí, falar do que se passa em Berlim ou em Barcelona, nessas cidades onde as coisas mexem. Eu e o meu psiquiatra conversamos muito a esse respeito. Ele conta-me as viagens dele e eu as minhas. Olhe, ele no mês passado foi ao Quênia e depois deu um salto à Ilha da Páscoa. Sabe o que ele queria ser? Era biólogo marinho.

ENTREVISTADOR — O meu, o de família, está sempre a lamentar-se. Ser médico é uma vergonha, diz ele. Todas as vezes que vou à consulta, tenho que ouvir aquela lengalenga: economista é que é, ou advogado. Arquitecto já não conta, engenheiro muito menos. Então, começa a faltar-me o ar, vem-me uma dor pelo peito acima e ele cala-se, começa a auscultar-me.

PERSONAGEM — Poeta, disse você. Como é ser poeta? Trabalhar com as palavras, olhar para o horizonte, deixar que o Sol desapareça, deve ser bonito ser poeta, depois contemplar a Lua e ouvir os lobos. Eu gostava que toda a gente dissesse quando eu entro num hospital ou numa esquadra de polícia: olha, vem ali o poeta. Isso é que gostava. E você?